

EDITORIAL

Cibele Prado Barbieri

Historicamente, o termo *perversão*, oriundo de *pervertere* que quer dizer “desviar” no latim, aparece no senso comum e até na linguagem médico-psiquiátrica, associado a perversidade, no sentido de maldade, crueldade.

A partir da formulação psicanalítica, entretanto, encontramos uma nova versão deste termo, uma inversão do sentido - uma “perversão” do termo, arriscamos dizer - na medida em que Freud atribui à sexualidade um caráter perverso polimorfo como essencialmente humano. Inaugura-se uma nova significação que aproxima perversão e “normalidade”, tendo como efeito uma virada na concepção de certas condições consideradas patológicas, a exemplo da homossexualidade.

A Psicanálise não apenas opera “*Uma escandalosa descoberta*” (Philippe Julien, 2002) ao subverter a noção de Sujeito pela introdução do conceito de inconsciente, mas, principalmente, ao enunciar que toda a sexualidade humana é perversa.

Os textos aqui reunidos em primeiro plano abordam e poderão elucidar melhor essa questão. Eles foram elaborados a partir dos trabalhos apresentados na XIV Jornada do Círculo que aconteceu em outubro de 2002, e teve como tema “*O viés perverso da sexualidade e outros temas atuais da clínica psicanalítica*”.

O leitor poderá neles encontrar não apenas a possibilidade de um aprofundamento do tema da perversão na perspectiva psicanalítica, mas também de outras questões sobre a clínica dos nossos dias através das contribuições de nossos membros e associados, como também de convidados que dela participaram.

Ampliamos nossos horizontes com uma nova seção que reúne trabalhos que articulam psicanálise e cinema, fruto das atividades do Núcleo de Cinema, incluindo a fecunda e deliciosa comunicação de Vanessa Brasil Rodriguez, sobre a imagem cinematográfica articulada à questão do gozo escópico. Finalizamos com a participação do Professor Kelber Carneiro que nos fala da vontade, da generosidade e do erro na perspectiva do desejo em Descartes.

As ilustrações deste número pretendem aludir ao trabalho de criação de pessoas que ultrapassam seus limites superando dificuldades e impedimentos, pois sua arte – “*arte que é sempre esta alguma coisa que, do recôndito dos tempos, nos chega como procedente do artesão*” (Seminário O Sinthoma) – nos convida a retomar a questão ali proposta por Lacan: “*em que a arte, o artesanato, pode frustrar o que se impõe do sintoma, a saber, ... a verdade?*”

Sua arte é a “*mostração*” da potencialidade sublimatória humana e nos estimula a também vencer nossos entraves.

Khairé, do grego “rejubile-se”, é a expressão usada pelos gregos antigos como saudação, segundo Jacques Mazel (*As metamorfoses de Eros*, 1988, Martins Fontes Ed.), para fazer face aos tempos difíceis de então, naquela terra inóspita.

Ao modo do nosso “*Olá, Bom dia, tudo bem?...*”, os gregos diziam: aproveite o prazer, obtenha o prazer do dia, da vida. Rejubile-se!

Então, **Khairé!** para todos os leitores da **Cógito**.